

Habitando desenhos: uma experiência de ensino em arte sobre o espaço cotidiano.

Inhabiting drawings: an art teaching experience about everyday space.

Ronne Franklim Carvalho Dias ¹

¹ Professor de Arte do Instituto Federal do Amapá-IFAP. Doutor em Arte e Cultura Visual- UFG. Artista visual e pesquisador em ensino de arte e cultura visual com ênfase em educação profissional, desenho, imagem, visualidades e cotidiano amazônico.
<http://lattes.cnpq.br/1567729353536314>
ORCID: 0000-0002-2115-0169

RESUMO

O artigo trata de uma atividade de ensino de arte com produções de desenhos voltados para os ambientes domésticos em tempos de pandemia. Com base numa abordagem metodológica da indagação crítica e da experiência do fazer arte, a referida atividade fundamenta-se em temáticas deweyanas sobre experiência estética (DEWEY, 2010) e na educação da cultura visual (AGUIRRE, 2011; HERNÁNDEZ, 2011; MARTINS, 2007; 2009) sobre a imagem e o cotidiano (ALVES, 2015). A produção de desenhos autorais de alunos do 2º ano do Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal do Amapá - IFAP discute também modos de representação de espaços e vivências no contexto de isolamento social. Oito são os trabalhos selecionados para compor este artigo, quanto à análise dos desenhos produzidos é de caráter interpretativo sobre imagens com referência na pesquisa qualitativa (ANDRÉ, 2005; GASKELL, BAUER, 2002). As composições visuais são agrupadas como resultado em dois critérios de análise espaços descritivos e espaços projetados, em que os desenhos em seu conjunto transitam entre descrição de espaços cotidianos e constituem processos de subjetivação de espaços como modos metafóricos de perceber, fazer e conceber arte, artefatos e espaços de relação com o habitat.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de desenho; Experiência em Arte; Espaço Cotidiano.

ABSTRACT

The article deals with an art teaching activity with productions of drawings aimed at domestic environments in times of pandemic. Based on a methodological approach of critical inquiry and the experience of making art, this activity is based on Deweyan themes about aesthetic experience. (DEWEY, 2010) and in the education of visual culture (AGUIRRE, 2011; HERNÁNDEZ, 2011; MARTINS, 2007; 2009) about image and everyday life (ALVES, 2015). The production of authorial drawings by students in the 2nd year of Integrated Technical High School at the Federal Institute of Amapá - IFAP also discusses ways of representing spaces and experiences in the context of social isolation. Eight are the works selected to compose this article, as the analysis of the drawings produced is of an interpretative character on images with reference to qualitative research (ANDRÉ, 2005; GASKELL, BAUER, 2002). The visual compositions are grouped as a result of two analysis criteria descriptive spaces and projected spaces, in which the drawings as a whole move between the description of everyday spaces and constitute processes of subjectivation of spaces as metaphorical ways of perceiving, making and designing art, artifacts and spaces related to the habitat.

KEY WORDS

Drawing Teaching; Art Experience; Everyday Space.

RESUMEN

El artículo trata sobre una actividad de enseñanza de arte con producciones de dibujos dirigidos a entornos domésticos en tiempos de pandemia. Basada en un enfoque metodológico de la indagación crítica y la experiencia de hacer arte, esta actividad se fundamenta en temas deweyanos sobre la experiencia estética (DEWEY, 2010) y en la educación de la cultura visual (AGUIRRE, 2011; HERNÁNDEZ, 2011; MARTINS, 2007; 2009) sobre imagen y vida cotidiana (ALVES, 2015). La producción de dibujos de autor por estudiantes de 2º año de Bachillerato Técnico Integrado del Instituto Federal de Amapá - IFAP también discute formas de representar espacios y experiencias en el contexto del aislamiento social. Se seleccionan ocho obras para componer este artículo, ya que el análisis de los dibujos producidos es de carácter interpretativo sobre imágenes con referencia a la investigación cualitativa (ANDRÉ, 2005; GASKELL, BAUER, 2002). Las composiciones visuales se agrupan como resultado de dos criterios de análisis de espacios descriptivos y espacios proyectados, en los que los dibujos en su conjunto se mueven entre la descripción de los espacios cotidianos y constituyen procesos de subjetivación de los espacios como formas metafóricas de percibir, hacer y concebir el arte, artefactos y espacios de relación con el hábitat.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza de dibujo; Experiencia en Arte; Espacio Diario.

Introdução

No campo da arte existem muitas moradas; os artistas as construíram. (DEWEY, 2010, p. 528).

O mundo atravessa um período de grandes instabilidades deflagradas pela pandemia do Covid-19, afligindo a humanidade, desolando famílias, abalando estruturas econômicas, confrontando a educação formal e desafiando sua vigência como atividade social de contato, assim como, a presencialidade de diversas atividades ditas “não essenciais”... Uma série de prescrições sanitárias, como o isolamento social, forçaram uma contínua rotina para muitos cidadãos em suas moradias. Sem perceber mudanças significativas nesses espaços, as rotinas surgem com uma temporalidade de efeitos cursivos, derivando ações ordinárias que reproduzem um ciclo psicológico suscetível de ansiedade às massas populacionais.

Pensando em uma possibilidade de ensino de arte capaz de problematizar as realidades de vivência dos alunos nesse tempo de pandemia do Covid-19, desenvolvi em 2021 através do ensino remoto, com as turmas do Médio Técnico Integrado do Instituto Federal do Amapá-IFAP/campus Macapá, uma proposta de produção de desenhos dos seus espaços domésticos – como forma de alcançar de seu cotidiano aprendizagens – a partir da observação criteriosa e poética, sobretudo, de construir um olhar não naturalizado sobre o lugar, os objetos e a relação pessoal com o habitat.

A fundamentação do referido trabalho perpassa a interface teórica entre educação, arte e cultura visual entrecruzando concepções deweyanas sobre experiência, conhecimento, estereótipo e meio social (DEWEY, 2010); ensino de desenho (DIAS, 2020) sobre o cotidiano e suas dimensões espaço-tempo (ALVES, 2003; 2015). Quanto aos aspectos metodológicos são movidos pela indagação e experiência (MARTINS, 2007; AGUIRRE, 2011; DEWEY, 2010; DIAS, 2020) que se amplia como base epistemológica a ser desenvolvida para o ensino de arte.

Aquilo que comumente chamamos de casa ainda é uma das principais construções de interesse pela humanidade para abrigar, descansar, morar..., seja básica ou sofisticada o que importa é como habitamos, como nos relacionamos com esse espaço que se faz ambiente, artefato, relação, experiência e subjetividade.

Interligando educação a concepções deweyanas de arte

Educação e arte sempre foram temáticas caras na filosofia de Dewey, impregnadas uma na outra, é possível abordar conceitos partilháveis às duas áreas como o de experiência (DEWEY, 2010, p. 110-111), “A experiência como sentido vital é algo marcante, duradouro na memória e distinguível entre o que vem antes e o depois”. Um sentido de experiência que merece destaque é relacionado aos processos da vida ou significativo ao seu fluxo vital. Outro destaque diz respeito à transformação que uma experiência pode se remeter: “O verdadeiro trabalho do artista é construir

uma experiência que seja coerente na percepção ao mesmo tempo que se mova com mudanças constantes em seu desenvolvimento” (DEWEY, 2010, p. 132).

Uma experiência é algo dinâmico e vital, capaz de interligar pensamento e ação com o outro e o mundo, nessa perspectiva, aprender e conhecer são processos contínuos e interacionais, movidos por um interesse de descobrir/descobrir-se, intimamente vinculado aos processos de criatividade e experiência artística, tal concepção posiciona-se contrária a modos tradicionais de educação em que consideram saberes fragmentados, logo, estanques e isolados das coisas do mundo.

Importante ressaltar que criatividade não é atributo exclusivo da arte, entretanto, é na arte que se percebe uma concentração criativa em suas várias dimensões do processo artístico desde a concepção da ideia, passando pelos materiais e técnicas, chegando como forma e interpretação em transformação aos interlocutores. Dewey considera arte um saber prático que (se) transforma, logo um exercício artístico é capaz de redimensionar concepções e também as coisas do mundo. Eis a criatividade uma potência!

Revisitando o pensamento de Dewey (2010, p. 126), a “arte denota um processo de fazer e criar” como ações interatuantes no meio sociocultural, assim é possível compreender que “o processo artístico desencadeia, aciona iniciativas criativas em sintonia com o grau de consciência do aprendizado gerando como efeito prático uma educação mais efetiva ampliando as possibilidades de atuação no mundo” (DIAS, 2020).

O risco de uma educação não interligada à vida, ou seja, aquela que conserva conhecimento de modo fixo e centralizador, pode viver de estereótipos, pior ainda, fadada à morte do “conhecimento”, pois uma epistemologia de educação estereotipada é reprodutora e não criativa, permanecendo no reconhecimento torna-se inerte às novas demandas da vida, pois, “No reconhecimento, tal como no estereótipo, recaímos em um esquema previamente formado” (DEWEY, 2010, p. 134). O filósofo revela uma educação em que conhecer e aprender compõem um processo contínuo, como o fazer arte que vive expectativas interligadas – atar e desatar processos sobre um objeto para reatar relações consigo, com o outro e com o mundo – de forma contínua como o fluxo da vida.

Uma metodologia pela indagação e experiência

A educação da cultura visual (HERNÁNDEZ, 2011; MARTINS, 2007) é uma plataforma teórico-metodológica de versáteis contribuições para o ensino de arte. Das múltiplas perspectivas educacionais possíveis de serem adotadas ou constituídas por esse campo de estudos, meu exercício docente-pesquisador envereda por uma epistemologia da prática, em que experiência artística do fazer (DEWEY, 2010; AGUIRRE, 2011) está íntima e continuamente ligada a uma pedagogia da indagação (HERNÁNDEZ, 2011).

O fazer prático é compreendido como parte constituinte da arte e indissociável da reflexão, interligando ao campo educacional pode ser conduzido por uma pedagogia da indagação, refletindo criticamente sobre o naturalizado em nosso meio cultural.

Utilizar indagação crítica é uma maneira de dar relevância para o que fazemos com a arte na educação, de discutir as implicações da arte/imagens/artefatos na vida diária e, especialmente, as relações entre ensino de arte e a elaboração de uma compreensão de mundo. (DIAS, 2020, p. 129).

Indagação e experiência são modos importantes para o ensino de arte no processo de construir e revisitar o já construído, visto que, o olhar naturalizado sobre o mundo, grosso modo, começa a partir do que é familiar, logo próximo a uma ideia de estereótipo. Recorro mais uma vez ao que Dewey (2010) distingue experiência de estereótipo numa compreensão a priori de vivência de seu tempo/espaço, a experiência não é imediatista, mas situada considerando características, dificuldades e valores do meio geográfico, cultural e dos efeitos históricos. Um saber estereotipado, por sua vez, é raso em significados mantendo-se ancorado no tempo, na superfície do achismo e não se move pela curiosidade de avançar para águas mais profundas do conhecimento.

Um espírito curioso é movido por questões básicas como, por que? Para que? Como...? Questões como essas deveriam ser motivações unidas à educação permitindo a experiência do fazer e sentir afim de alcançar soluções, resultados ou outras reformulações para o processo reconstrutivo da educação... É nesse fluxo que me vejo professor-artista e pesquisador ao levantar problematizações a partir da arte e seu ensino através do desenho, sob procedimentos metodológicos da indagação e experiência busco construir uma perspectiva não naturalizada das coisas do mundo.

Organismo vivo: artistas...

Ainda de acordo com a metodologia utilizada na experiência de ensino trago o que Dewey (2010) considera organismo vivo¹, no qual tomo como referências práticas de produção visual, Boni Nascimento e Isaías Brito – dois artistas que através dos seus trabalhos nos ajudam a perceber uma circulação e convivência do mundo amazônico. Esses produtores utilizam de recursos e temáticas do meio socioambiental nortista, como por exemplo, algumas habitações típicas que colocam em evidência as preocupações ecológicas e sustentáveis sobre a ambiência geográfico-cultural local. Ao destacar a importância de conhecer o meio ambiente onde se vive, Dewey ressalta o papel do artista a sensibilidade de suas práticas,

O artista, comparado aos seus semelhantes, é alguém não apenas

¹ Organismo vivo, segundo Dewey, é capaz de viver uma experiência com seu meio correspondendo a uma "efetiva interação do ser vivo, de uma intenção consciente, com as condições ambientais" (2010, p. 109).

especialmente dotado de poderes de execução, mas também de uma sensibilidade inusitada às qualidades das coisas. (DEWEY, 2010, p. 130).

Em contraponto ao que Dewey ressalta sobre o papel do “artista”, vinculado aos termos “poder” e “especialmente”, que o fazer e a sensibilidade atravessam vários campos de atuação humana – e não uma qualidade exclusiva da arte e nem do artista em ofício – potencializados através do ensino de arte e de outros aparatos estético-educacionais são capazes de contribuir numa construção cultural mais integrativa, produtiva e sensível (RANCIÈRE, 2009).

Dewey reporta com base na referência de artistas que trazem uma sensibilidade exploratória das coisas onde vivem, entre objetos, ambientes e práticas integrando-se de forma orgânica ao meio socioambiental. A sensibilidade ao meio ambiente onde se vive é uma das principais questões estéticas e éticas que Boni e Isaías levantam em seus trabalhos artísticos. Uma delas trata das ocupações ditas “desordenadas” das áreas de ressacas² por migrantes das ilhas, ou seja, por ribeirinhos de outras localidades que chegam em Macapá e erguem suas casas sobre o alagado.

Boni e Isaías não participam do mesmo grupo de artistas, mas comungam de mesmas temáticas e preocupações a partir do meio ambiente e práticas culturais como saberes tradicionais dos nativos. Os aspectos culturais e seu meio, características desenvolvidas por artistas como esses amapaenses são importantes para estabelecer relações com o ensino e aprendizagem em arte, constituindo indagações e práticas possíveis do fazer arte em seu tempo e espaço específicos, isto é, considerando a complexidade e riqueza do seu cotidiano.



Fig. 1. (esquerda para direita) Boni Nascimento, *Série: Grito Amazônico*, 70x55cm, técnica mista, 2019. Isaías Brito (Grupo Imazônia), *Palafitas*, técnica: instalação – madeira, papelão, arame, 2011.

É possível encontrar na arte contemporânea, entre sua rica diversidade, um foco mais na experiência do que no produto em si. Muitas abordagens artísticas

desse contexto reúnem o pensamento intelectual a fazeres práticos e a percepções sensíveis, paralelamente, é possível comparar a uma linha atual da educação com base na crítica (GIROUX, 1997) opondo-se a tendências pedagógicas de outrora que desconsideravam a experiência na educação formal, tendo a escola como referência ideológica associada aos regimes de visualidades e de poder (AGUIRRE, 2011).

Dewey foi um dos grandes defensores a reconhecer importância da experiência e, com ela, a reflexão sobre a trajetória dos indivíduos no meio socioambiental como organismos vivos significando “uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos (DEWEY, 2010, p. 83).

A experiência é uma interação efetiva do ser vivo e seus sentidos ligados a uma consciente relação com os aspectos ambientais. Para Dewey as artes de um modo geral nasceram das práticas cotidianas vinculadas aos significados em circulação social. Diferente das abordagens institucionalizadas de arte como museus e disciplinas acadêmicas, que de algum modo conceberam uma ideia de arte elitista e separada do mundo orgânico, “A ideia de que a percepção estética é assunto de momentos ocasionais é uma das razões para o atraso das artes entre nós” (DEWEY, 2010, p. 136).

Um “...atraso das artes entre nós”, alerta Dewey, estaria em um plano distante em relação ao mundo do dia a dia, ou seja, um modo tradicional de educação mantém-se encapsulada na forma de tratar e discutir arte como disciplina ou prática circunstancial, não revelando uma compreensão holística de arte, no sentido de ignorar características interativas dos indivíduos com o cotidiano e com o movimento da vida.

Cotidiano e ensino de arte

John Dewey (2010, p. 68-69) é um dos precursores em discutir arte com a vida prática: “Objetos que no passado foram válidos e significativos, por seu lugar na vida de uma comunidade, funcionam hoje isolados das condições de sua origem. Em vista disso, são também desvinculados da experiência comum (...)”. Nas expressões “condições de sua origem” e “experiência comum” demonstram a importância de significados dos artefatos ao uso cotidiano como base da produção artística.

Tal relação entre artefatos/arte/imagem e práticas culturais atualmente tem merecida atenção como focos educacionais (ALVES, 2015; GIROUX, 1997) que buscam compreender processos de ensino e aprendizagem mais significativos nos cotidianos. Relacionar a prática pedagógica ao cotidiano torna o processo de aprendizagem rico, dinâmico e pulsante como a vida.

Um ponto em comum a Dewey, é encontrado em pesquisas de Nilda Alves (2015) ao perceber as contribuições da educação ao se confrontar com os cotidianos escolares. Na perspectiva da autora, tais estudos ganham uma dinâmica diferenciada denominada “movimentos”. Uma compreensão desses “movimentos” é comparável

ao fluxo da vida diária, um contínuo de acontecimentos repletos de sentidos que permeiam a realidade escolar.

Para Alves, a complexidade de estudar “nos/dos/com cotidianos” vinculado à educação se apoia no que ela revela ser: “somos e pensamos num permanente movimento” (ALVES, 2015, p. 154). É no cotidiano que se tem a oportunidade de levantar questões e ‘pormenores’ indo além de temas consagrados já consolidados tradicionalmente, isto é, questões sobre o cotidiano revela um modo de aprender como base epistemológica. Alves (2015, p. 155) alerta o fato de que algumas práticas culturais e modos de fazer e saber têm sido ignorados.

Sendo uma preocupação próxima ao que Dewey denuncia de “abismo” na separação da arte com a experiência prática do dia a dia nas abordagens institucionais em que “a situam em uma região não habitada por nenhuma outra criatura” (2010, p. 69). Dewey assume a realidade prática³ como preço a ser pago em resposta às demandas do mundo a sua volta. Para ele o problema deve ser tratado em situações concretas e contextualizadas, pois, sua filosofia ganha força nas ações e incursões culturais de cada contexto. Trabalhar questões atuais, do seu tempo, é o desafio. Barbosa (2002, p. 16) explica que “Dewey (...) antecipa inúmeros dilemas da condição pós-moderna com a qual nos confrontamos” dando ênfase a contextos e situações reais de valorização da experiência.

Habitando desenhos: construindo espaços poéticos

A ideia para os alunos desenharem o ambiente doméstico surgiu com objetivos de observar a natureza, tomando como base estudos de perspectiva referente ao Renascimento italiano (séc. XV). Para além de desenhar casas com aspectos estruturais e com rigor descritivo que o período estético assumia, a atividade de ensino nas turmas do Ensino Médio buscou romper barreiras do formalismo racional, daquela visão espacial linear e externa da realidade, uma visão para fora da janela. O ensino de desenho teve a seguinte proposta: que os alunos construíssem seus próprios espaços interiores de vivência, ou seja, desenhar não somente “de dentro” como “para dentro” dos espaços habitados.

Nessa virada de olhar para dentro do habitat, logo viu-se uma virada para o interior comportamental dos alunos como modos de ser, estar e reagir nos tempos de isolamento social, onde o domicílio passou a ser o locus de vivência integral de muitos estudantes. A arte e a imagem são importantes recursos do olhar dos sujeitos que vivem em seus espaços de moradia, que no atual contexto, permanecem em um cotidiano de ocupação contínua.

Através da produção dos alunos – os desenhos – realizados de modo remoto cada um em seu habitat, é possível concebê-los como fonte de dados sobre vários

3 Conceito desenvolvido em palestra proferida por Dewey sob o título “Imagem e expressão”. In: Barbosa, 2015.

aspectos, valores, estados emocionais e visões de si sobre a realidade intra circundante. Através de um tripé de ações interconectadas: olhar, fazer e pensar contribuem para formação de sujeitos que olham e avaliam sua posição entre objetos e ambientes, capazes de perceber, analisar, comparar, descrever, avaliar, criar, imaginar, inventar..., construir seus espaços poéticos (DIAS, 2020).

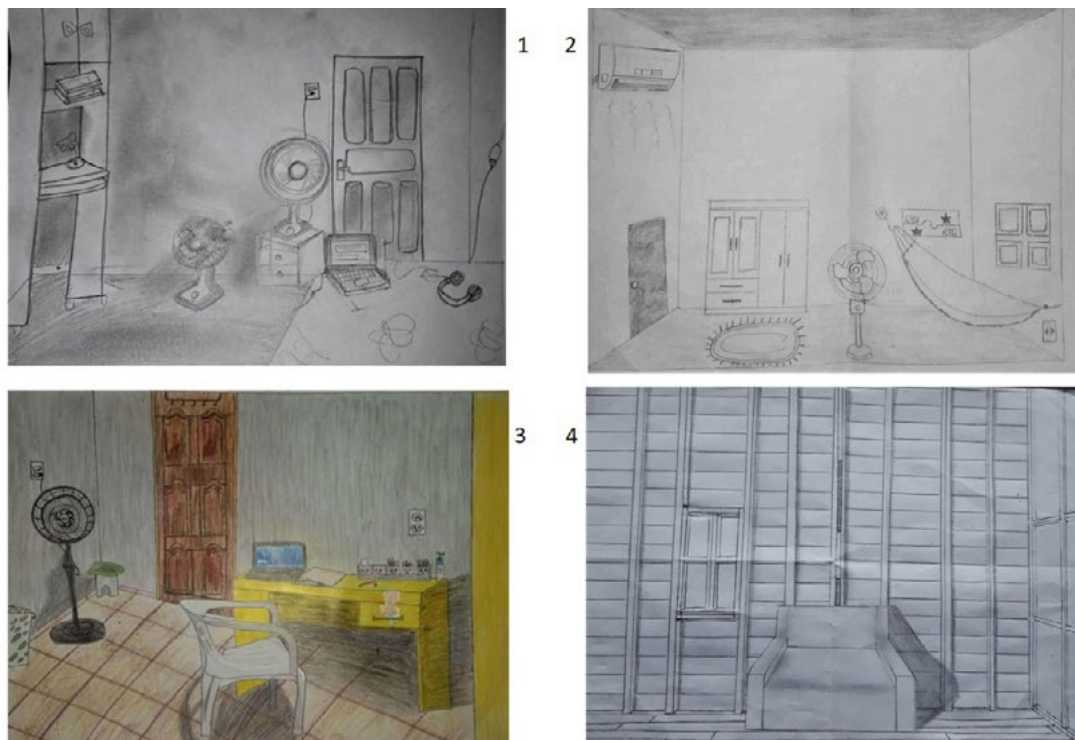


Fig. 2. 1 Larissa Lacerda; 2 Kaio Soares; 3 Fabiane Chagas; 4 Taynara Reis. Desenhos em A-4 de alunos do 2º ano do Ensino Médio Técnico Integrado/IFAP, 2021.

A análise dos desenhos é de caráter interpretativo sobre imagens apoiada na pesquisa qualitativa (ANDRÉ, 2005; GASKELL, BAUER, 2002), considerando nas produções visuais elementos descritivos e metafóricos dos espaços de vivência dos alunos. Nesse aspecto, produzir desenho corresponde ao olhar como foco de observação e criação imagética, seguida de uma quebra do cotidiano domiciliar, nesse caso, o desenho fundamentado na educação da cultura visual (MARTINS, 2009; DIAS, MARTINS, 2019; DIAS, 2020) surge como um dispositivo capaz de potencializar tais espaços cotidianos, ao ponto de compreender alguns aspectos do impacto da Covid-19 no meio social dos estudantes.

Antes, é preciso reconhecer que não foi tarefa fácil elencar tais desenhos para esse artigo, diante do volume de produções, cada um com sua história, sentidos e importância. Sofri no processo de seleção! Para essa análise utilizei dois blocos de imagens com os critérios seguintes: espaços descritivos e espaços projetados.

a- Espaços descritivos, foram elencados desenhos de um caráter demonstrativo, em que a maioria dos trabalhos apresenta certa objetividade dos espaços domésticos. Para tal critério destaquei trabalhos que demonstram objetos/artefatos e ambientes

com riqueza de detalhes, destacando desenhos com linhas mais soltas revelando uma espontaneidade na construção do traço, na percepção do ambiente e captando a atmosfera do habitat.

Os cômodos representados nesse bloco, preferencialmente, são os quartos que servem a dupla função estudo e descanso – a escolha do ambiente ficou à critério de cada aluno, apenas sugeri um espaço de preferência da casa. Nos quartos é possível perceber elementos que revelam modos culturais, climatológicos, e sugerem dos comportamentos estudantis em tempos de isolamento. Ventiladores e centrais de ar demonstram as altas temperaturas enfrentadas no clima equatorial da cidade macapaense. Além da escrivaninha de estudos, os desenhos mostram cama, cadeira, sofá e a típica rede nortista representando os personagens ausentes da cena como também o desejo ao descanso do corpo e da mente dos estudantes.

O elemento madeira não passa despercebido por ser um produto comercial comum na construção civil e na fabricação de móveis no estado do Amapá: é possível identificar nos desenhos as portas e janelas com divisas de almofadas indicando madeira de lei. A realidade de casas em madeira é típica de populações ribeirinhas amazônicas, contudo, uma visão dos alunos merece destaque: o desenho do interior de uma casa de madeira!

Desenhar uma casa em madeira por dentro, como mostra a figura 2 no 4º desenho da aluna Taynara Reis, em seus detalhes é uma excepcionalidade aos meus olhos de desenhista que muito representou essa tipificação de casa, porém, sob uma vista externa e à distância. Quando me deparo com trabalhos de alunos que desenham superfícies em tábua a tábua, ripa a ripa..., vejo traços que sugerem além da paciência de um/a desenhista, chegando a um modo profundo, experiencial e revelador de viver seu tempo e espaço. A aluna desenhista assim relata:

Eu escolhi este lugar, para mostrar onde eu estudo e o quanto é reservado. Quando eu fiz esse desenho, eu não estava pensando em nada específico, só escutando a música do Caetano Veloso "Sozinho" (...) para mostrar o olhar que eu tenho sobre aquele espaço, principalmente quando anoitece, pois esse lugar fica sem ninguém, triste, sem vida, somente com um sofá e as sombras que ocupam o espaço atrás desse móvel e ao lado de algumas ripas de madeira, porém, também é um lugar de paz quando eu quero ficar sozinha.

Sozinha, paz, reservado e um sofá de um lugar são elementos que sugerem um olhar apurado sobre o espaço doméstico, talvez nunca percebido antes da pandemia, mas agora explorado com o desenho.

Ainda no critério de espaços descritivos, é detectado nos desenhos dos quartos portas e janelas fechadas, fones de ouvido, telas abertas de notebooks, emaranhados de fios de toda sorte das paredes à mesa, à cama... É sabido que os quartos são ambientes íntimos mas seriam eles introspectivos? De janelas e portas fechadas entretanto o olhar dos estudantes estaria mediado pelos espaços digitais e on-line...? Um lugar onde junta-se estudo, lazer, descanso e, às vezes, alimentação seria possível

prever alguma consequência das ocupações integrais dos quartos fechados pelos estudantes?

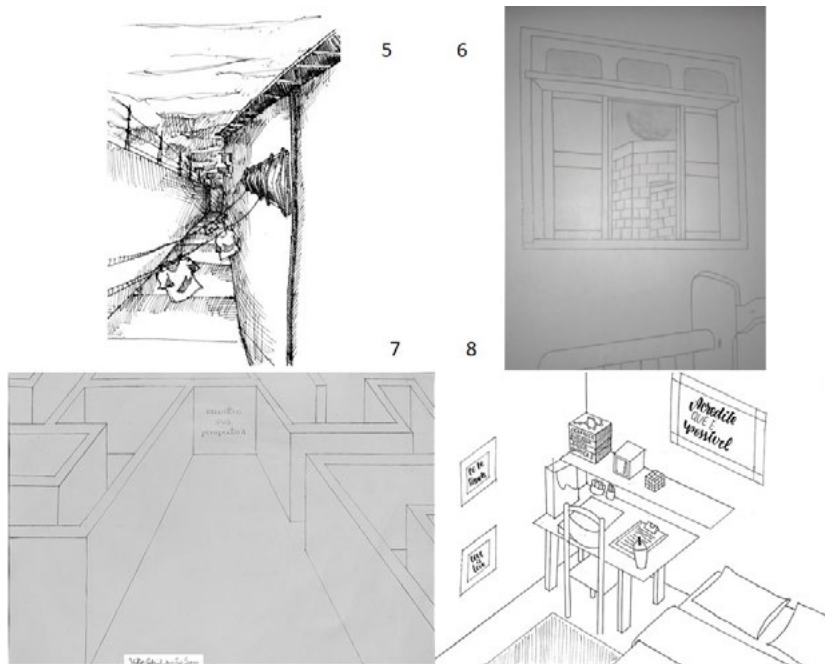


Fig. 3. 5 Miguel Lobo; 6 Emily Eduarda; 7 Victor Gabriel; 8 Erick Tavares. Desenhos em A-4 de alunos do 2º ano do Ensino Médio Técnico Integrado/IFAP, 2021.

b- Espaços projetados, nesse critério de análise considerei um caráter de fuga da realidade imediata, entretanto, uma fuga assentada sobre o concreto da observação dos espaços. Os desenhos surgem aqui, de algum modo, como uma quebra da rotina, pois, olhar, fazer e imaginar agem como intervenções inventivas sobre o trivial. Isso é observado pelo uso de algumas metáforas visuais empregadas pelos alunos como, por exemplo, o labirinto representado algo que vai além da ideia dimensional de espaço fechado, remete-se ao processo em si, em que a experiência do desenhar apresenta-se como uma procura de um lugar: “encontre sua perspectiva”, é o que diz a frase grafada no desenho (Fig. 3. Imagem 7) de Victor Gabriel (Curso Médio Técnico em Química).

Em outro desenho (Fig. 3. Imagem 6), a janela ganha destaque com proporções quase de uma sub moldura, praticamente frontal, revelando ser mais do que uma simples abertura de circulação de ar e luz, constituindo-se metáfora de fronteira de mundos interior e exterior ou entre uma realidade concreta fechada e um mundo devir.

Escolhi representar o meu cantinho, onde estudo e durmo, desenhei-o como meus olhos conseguem ver, (...) meus olhos têm contato direto com uma parte de minha cama, a janela e a vista por trás dela. Busquei outros lugares, mas não encontrei nenhum de meu agrado. Estudando um pouco avistei a lua e olhei bem pra ela e o que tinha ao redor dela, então resolvi desenhar de acordo com meus olhos...

O olhar pela janela do quarto, sugerido pela Emilly, aluna do Curso Médio Técnico em Redes de Computadores, e em direção à lua cheia é um convite a projetar um plano de abstrações, de construir espaços na interface “para” / “de” si no mundo. O desenho aqui revela um olhar não naturalizado como ressalta Hernandez (2011) capaz de deixar aflorar uma subjetivação dos espaços habitados...

Na Imagem 8 (Fig. 3) de Erick (Curso Médio Técnico em Química), uma ortogonalidade de precisão técnica ganha relevância no desenho, traçado a linhas retas, quase absolutas se não fossem os letreiros na parede e a cama com travesseiros parcialmente vistos na cena. O canto representado não está à margem do quarto, mas sim no foco das atenções dispensadas às tarefas escolares. Com mesa, cadeira, livros, prancheta e outros objetos como cubo mágico e copo sobre a mesa – tudo acomodado no plano ortogonal – revela um espaço construído racionalmente com aspirações profissionais. Eis aí uma caracterização sugestiva de fuga quanto à busca constante de superação da rotina puxada de estudos, o desenho técnico insinua transpor os obstáculos de um mundo competitivo. Assim, o aluno comenta sobre seu trabalho.

(...) o lugar representa uma parte muito grande e importante da minha personalidade, de onde saem todas as minhas produções. Eu me considero uma pessoa extremamente organizada e perfeccionista, acredito que seja consequência do espírito de design que habita em mim. E por mais que eu esteja constantemente reorganizando os móveis do meu quarto, essa escrivaninha continua intacta, a única coisa que muda é que ela acaba parando em outros cantos do cômodo...

A ideia de desenhar o “canto” como “centro” das ocupações ativas da vida diária me faz associar a ideia não somente ao arranjo de espaços, sobretudo, a uma economia de espaços diante do cenário pandêmico, sendo mais importante as acomodações como nova redistribuição espacial. Talvez a preocupação não esteja no tamanho ou na quantidade dos cômodos da casa, mas na adequação deles em conforto para produzir e viver melhor... Nessa perspectiva, o canto de estudos poderia abrir-se à metáfora como um dos cantos do mundo por onde os ventos do saber sopram...

Falando em sopro, foi à base de ventania que Miguel Lobo (Imagem 5, Fig. 3) realizou seu desenho... um trabalho com traços espontâneos, uma expressividade de linhas inclinadas recorre a uma parte de suas rotinas, o trabalho da lavagem de roupas à noite. Com a ocupação de tarefas de estudo e trabalho fora de casa a ser realizadas durante o dia, Miguel relata que as roupas são lavadas no final do dia... O que nos faz acreditar que a fuga metafórica é encontrada no vento e não no sol, remetendo a feitura do desenho associada à intimidade ou à sutileza do que pode ser visto, seja nas roupas, seja na noite.

Considerações finais

Ao desenhar é bem provável que no processo do fazer o olhar seja ativado para perceber o conjunto dos elementos que compõem realidades a ser representadas, nesse momento acontece a aprendizagem, ou seja, a busca por compreender no todo os seus detalhes.

A percepção é um olhar com atitude de quem procura as linhas ao desenhar, nesse percurso desenhante se descobre o objeto e o ambiente é revelado. Com olhos de rapina e de construtor o desenhista também se vê no processo como aquele que (re)constrói desenhos, moradas e sentidos. Depois da experiência artística tanto desenho, objeto, ambiente e o sujeito não são vistos como antes! A prática do desenho com fundamento na indagação crítica e na experiência trava um embate contra modos estereotipados de fazer docência em arte, como visto em abordagens espontaneístas ou tecnicistas ou ainda “despretensiosas”, sem saber o que fazer e para aonde ir.

O estereótipo se restringe aquilo que é antecipadamente identificável, uma reprodução de sentidos e, desse modo, dificulta ou até mesmo impede a aprendizagem. Aquilo que Dewey admite ser necessário algum tipo de aprendizado para ver e perceber as coisas do mundo. Esse tipo de aprendizado reúne as forças da descoberta e da transgressão, ou seja, aquilo que é ‘apreendido’ através do fazer ‘aprender’, de modo continuamente interligado com a vida.

É com a vida, sem dúvida, a pretensão dessa proposta de ensino de desenho! Por um processo interligado, os desenhos dos alunos surgem como sementes de atividade de ensino, em seguida, brotam como projeto de ensino até se ramificar em projeto de pesquisa constituindo uma curva de teorizações e sistematização metodológica de itens e acompanhamentos.

O ensino de desenho funciona como interface, como mediação entre mundos exterior e interior que a perspectiva sugere como alternativa, entre o visível e o imaginado. Diante de questões cotidianas e aspectos específicos de cada estudante, habitando desenhos possibilita redimensionar condições físicas e psicológicas vividas em tempos de pandemia, ampliando limites para subjetivação de espaços e percebendo protagonismo no fazer e interferir realidades concretas e existenciais...

Referências

ANDRÉ, Marli. **Etnografia na prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2005.

AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, Política da Estética e Educação Emancipadora. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 69-111.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, Alexandra. OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs). **Nilda Alves: praticantespensantes de cotidianos**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BAUER, W. Martin. GASKELL, George. Tradução Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópoles: Vozes, 2002.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Ronne; MARTINS, Raimundo. Desenhando na Amazônia: mediações educativo-culturais entre imagem e imaginário. **Revista Interfaces**, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 34-49, jan./jun. 2019.

_____. **O ensino de desenho no âmbito cultural e profissional na Amazônia amapaense**. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais – UFG. Goiânia: UFG, 2020.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 31-49.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e as práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

_____. Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. **VIS- Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte**, UNB, Brasília, v. 8, n. 1, p. 33-39, jan./jun. 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

Submissão: **28/07/21**

Aceitação: **04/09/21**